

## Práticas religiosas, COVID-19 e campesinato: uma análise em dois momentos da pandemia a partir de um projeto de extensão

Álida Angélica Alves Leal<sup>1</sup>, Luiz Paulo Ribeiro<sup>2</sup>

<sup>1, 2</sup> Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Faculdade de Educação (FaE). Avenida Antônio Carlos, 6627, Campus Pampulha. Belo Horizonte - MG. Brasil.

*Autor para correspondência/Author for correspondence: [alidaufmg@gmail.com](mailto:alidaufmg@gmail.com)*

**RESUMO.** O objetivo geral do artigo consiste em analisar as repercussões da pandemia de COVID-19 nas práticas religiosas de sujeitos camponeses e de comunidades rurais nas quais alunos/as do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (LECampo/FaE UFMG) trabalham e/ou residem. Este é um recorte de uma pesquisa que está articulada ao projeto de extensão “Povos do Campo e a pandemia do COVID-19”, criado em abril de 2020. Os caminhos metodológicos da investigação consistiram na aplicação de questionários com questões fechadas e abertas, respondidos por 36 estudantes na primeira etapa (final de abril/início de maio de 2020) e por 46 estudantes na segunda etapa (meados de julho de 2020). Os dados foram analisados através da análise de conteúdo categorial. Os resultados apontam repercussões que foram relacionadas às seguintes categorias: a) socialização/sociabilidade; b) paralisação de atividades nos espaços religiosos, c) modos de participação remota em atividades religiosas; d) a casa como lugar privilegiado de práticas religiosas remotas; e) retorno de atividades presenciais em espaços religiosos coletivos; f) relação entre pandemia, fé, castigo e proteção divina.

**Palavras-chave:** Religiosidade, Pandemia, Campesinato, Extensão.

## Religious practices, COVID-19 and peasantry: a two-part analysis of the pandemic from an extension project

**ABSTRACT.** This paper analyzed the repercussions of the COVID-19 pandemic on religious practices of peasant subjects and rural communities in which students of the Degree in Rural Education of the Faculty of Education of the Universidade Federal de Minas Gerais (LECampo/FaE UFMG) work and residency. This is an extract from an investigation that is linked to the extension project “The people of the countryside and the COVID-19 pandemic”, created in April 2020. The methodological paths of the investigation consisted of the application of questionnaires with closed questions and open, answered by 36 students in the first stage (April/May 2020) and by 46 students in the second stage (July 2020). The data were analyzed by means of categorical content analysis. The results point to repercussions that relate to the following categories: a) socialization/sociability; b) interruption of activities in religious spaces; c) modes of remote participation in religious activities; d) hogar as a privileged place for remote religious practices; e) return from presential activities in collective religious spaces; f) relationship between pandemic, faith, punishment and divine protection.

**Keywords:** Religiosity, Pandemic, Peasantry, University Extension.

## **Práticas religiosas, COVID-19 y el campesinado: un análisis en dos etapas de la pandemia a partir de un proyecto de extensión**

**RESUMEN.** El objetivo general de este artículo fue analizar las repercusiones de la pandemia COVID-19 en las prácticas religiosas de sujetos campesinos y comunidades rurales en las que se encontraban estudiantes de la Licenciatura en Educación Rural de la Facultad de Educación de la Universidad Federal de Minas Gerais (LECampo/FaE UFMG) trabajan y/o residen. Este es un extracto de una investigación que está vinculada al proyecto de extensión “Los pueblos del campo y la pandemia de COVID-19”, creado en abril de 2020. Los caminos metodológicos de la investigación consistieron en la aplicación de cuestionarios con preguntas cerradas y abiertas, respondidas por 36 estudiantes en la primera etapa (finales de abril/principios de mayo de 2020) y por 46 estudiantes en la segunda etapa (mediados de julio de 2020). Los datos se analizaron mediante el análisis de contenido categórico. Los resultados apuntan a repercusiones que se relacionaron con las siguientes categorías: a) socialización/sociabilidad; b) interrupción de actividades en espacios religiosos; c) modos de participación remota en actividades religiosas; d) el hogar como lugar privilegiado para prácticas religiosas remotas; e) retorno de actividades presenciales en espacios religiosos colectivos; f) relación entre pandemia, fe, castigo y protección divina.

**Palabras clave:** Religiosidad, Pandemia, Campesino, Extensión.

## Introdução

*Dum tal de coronavírus  
Vou falar pra todo mundo  
Do que ele está causando  
Esse tema é bem profundo  
(Lúcia Alvarez, 2020)*

Por meio de um trecho do “Cordel em tempos de coronavírus”, de autoria de uma docente universitária mineira, apresentamos o pano de fundo deste artigo, qual seja, a pandemia do COVID-19. O primeiro registro de adoecimento por COVID-19 foi realizado em Wuhan, na China, em dezembro de 2019. De acordo com Amiri e Akram (2020), trata-se de uma síndrome respiratória (SARS-CoV-2) de fácil contágio e expansão global, que resultou em uma pandemia em poucos meses, chegando ao Brasil em fevereiro de 2020. Embora grande parte dos infectados não desenvolvam a síndrome respiratória grave, o que chama a atenção é o número de mortes ocasionadas pela infecção.

O avanço mundial dos casos provocou a indicação, por parte de autoridades e/ou especialistas da área da saúde, de isolamento e distanciamento sociais (Qian & Jiang, 2020), medidas de higienização (Thampi, Longtin, Peters, Pittet & Overy, 2020) e uso de máscaras (Sra, Sandhu & Singh, 2020), a fim de conter os adoecimentos e possibilitar a organização dos sistemas de saúde de cada país para tratamento dos indivíduos com

sintomas agudos da doença. O isolamento social desencadeou a proibição de atividades coletivas que envolviam a aglomeração de pessoas. Isso incidiu, em grande parte dos países, no fechamento de cinemas, shows, espaços públicos diversos, escolas, universidades e, o foco deste estudo, espaços destinados à realização de práticas religiosas de âmbito coletivo.

Bloom, Reid e Cassady (2020) apontam que a pandemia de COVID-19 trouxe consigo mudanças e incertezas de diferentes naturezas, dentre as quais aqui mencionamos aquelas relativas à dimensão da religiosidade. Quanto a esta questão, se a situação gerou repercussões na vida dos sujeitos, das famílias e de diferentes grupos sociais nos centros urbanos, nos contextos rurais essas situações reverberaram em alterações ainda mais evidentes, tendo em vista a centralidade das práticas religiosas na vida desta parcela da população brasileira, aspecto sobre o qual discorreremos mais à frente.

Tendo em vista essas questões, o objetivo geral deste artigo consiste em analisar repercussões da pandemia de COVID-19 para as práticas religiosas de sujeitos camponeses e de comunidades rurais nas quais alunos/as do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade de Educação da Universidade

Federal de Minas Gerais (LECampo/FaE UFMG) trabalham e/ou residem.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo da Faculdade de Educação da UFMG (LECampo FaE/UFMG) tem como centralidade a formação dos educadores do campo e tem como princípio a defesa da escola como direito e da terra como forma de permanência no campo, com uma educação que seja protagonizada pelos sujeitos do campo, defendendo um projeto de campo e de sociedade (Antunes-Rocha & Carvalho, 2015).

A UFMG oferta o curso desde 2005, quando teve início como projeto, sendo regulamentado e incorporado ao conjunto dos cursos da instituição em 2009. O currículo é organizado por áreas do conhecimento - Ciências Sociais e Humanidades (CSH), Ciências da Vida e da Natureza (CVN), Línguas, Arte e Literatura (LAL) e Matemática. Os espaços e tempos são organizados no formato da alternância, uma articulação entre o Tempo Escola (TE) – quando os estudantes permanecem na Universidade nos meses de janeiro e julho para cursarem disciplinas acadêmicas – e o Tempo Comunidade (TC) – quando encontram-se em suas comunidades nos períodos intermediários, desenvolvendo atividades diversas com acompanhamento de

docentes e monitores/as – estudantes de pós-graduação da universidade.

O projeto de extensão “Povos do Campo e a Pandemia do COVID-19” foi criado em abril de 2020 por integrantes do Colegiado do Curso e Núcleo Docente Estruturante (NDE), durante o Tempo Comunidade do primeiro semestre do ano. Funciona em formato remoto e visa mobilizar sujeitos do campo - alunos, professores, sindicatos, movimentos sociais - e demais interessados/as em torno de ações acerca da importância da luta contra o COVID-19 e, especialmente, quanto ao papel da ciência nesse contexto. Tem como proposição uma articulação de diferentes ações que envolvam os sujeitos do campo e de demais interessados em debater e compreender o momento atual, bem como socializar e divulgar informações a respeito, com a intencionalidade divulgar e debater com a comunidade camponesa sobre a importância da ciência na luta contra esse vírus.

De modo específico, uma das ações do projeto consiste na realização de mapeamento e acompanhamento de como a COVID-19 está afetando os municípios e comunidades dos alunos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, a fim de entender como a pandemia tem afetado os seus locais de vida e de produzir

informações sobre o contexto para possíveis intervenções junto com movimentos sociais, sindicais e demais parceiros do LECampo. Esta ação é que deu origem ao estudo aqui apresentado, ao abordar um dos aspectos pesquisados: práticas religiosas, religiosidade e espiritualidade no campo em tempos de pandemia.

### **Práticas religiosas, religiosidade e espiritualidade no campo**

Práticas religiosas, religiosidade e espiritualidade são sinônimos? Antes de correlacionar esses conceitos com o campesinato, é necessário fazer uma verificação sobre eles. Buscando a significação, remetemos religiosidade à religião, que Peres, Simão e Nasello (2007) indicam ser “um sistema organizado de crenças, práticas, rituais e símbolos projetados para auxiliar a proximidade do indivíduo com o sagrado e/ou transcendente” (p. 137). Estes mesmos autores, por sua vez, apontam que a espiritualidade é “uma busca pessoal de respostas sobre o significado da vida e o relacionamento com o sagrado e/ou transcendente” (p. 137). Nessa relação, podemos entender que a religiosidade é a vinculação a uma matriz institucional religiosa com todos os seus dogmas e ritos, sendo que a espiritualidade é “parte

fundamental e perene da humanização do seu humano”, sendo uma das dimensões que o constituem (Röhr, 2011, pp. 53-54). Em outros termos, ela é entendida como uma ação individual de relação com o sagrado. É nessa conceituação que entendemos que a ‘prática religiosa’ seja a investidura individual/coletiva a partir de uma religião, para se relacionar com o sagrado e/ou o transcendente. Há que se ter em mente que estes três conceitos estão correlacionados e que são importantes aliados quando se fala em adoecimento e processos de cura em saúde (Fleck, Borges, Bolognesi & Rocha, 2003; Bailly, Roussiau & Fleury-Bahi, 2011; Bandeira & Carranza, 2020).

Não distante dessa correlação e já nos direcionando às populações do campo, Andrade (2007) aponta a influência da religiosidade nos modos de vida destas. Em especial, como valores, crenças e práticas sociais presentes nas formas de vivenciar a religiosidade promovem a sociabilidade e a reciprocidade entre as pessoas do campo. Ao mesmo tempo, esse autor aponta a relação simbólica entre a produção do lugar – território – e as práticas religiosas desenvolvidas nele: a delimitação do espaço da igreja, o lugar de vivenciar o sagrado e de busca da proteção divina. Ainda nesse sentido, Andrade (2007) traz que, além de práticas

religiosas, as “manifestações religiosas resultavam de relações sociais que se estendiam para as relações sociais de produção” (p. 65), ou seja, há uma complementaridade entre participar dos atos religiosos, participar da comunidade e trabalhar na terra: faz o sujeito pertencer a algo, estar incluído.

Muito embora o Brasil não seja um país totalmente de prática religiosa católica, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020), no censo de 2010, havia cerca de 125 milhões de brasileiros que se diziam católicos apostólicos romanos e cerca de 42 milhões que se diziam evangélicos. Esses números, embora possam não representar a totalidade dos brasileiros, nem o cenário de 2020 e a expressividade de outras matrizes religiosas existentes no território brasileiro, demarcam uma presença massiva histórica do cristianismo no Brasil, fruto da colonização. Outrossim, dada a representatividade, pode-se entender que o cristianismo também é marcante nos territórios rurais brasileiros, principalmente em relação às práticas religiosas católicas – embora seja notável a redução do número absoluto e relativo de católicos no meio rural brasileiro desde o início da década de 1990 (Alves, Cavenaghi & Barros, 2017).

Andrade (2007) nomeia as práticas religiosas católicas no campo de ‘religiosidade católica popular’, ou seja, devido à ausência de sacerdotes e em função da distância territorial dos centros urbanos, multiplicaram-se no campo ações religiosas de leigos (não religiosos) que criaram nesses territórios diferentes tipos de rituais religiosos. A exemplo, podem ser citados os terços, as novenas nas casas de diferentes famílias, as orações em frente aos cruzeiros, as rezas individuais das pessoas e as festas em louvor aos/às padroeiros/as das comunidades, principalmente o culto de alguns santos, como é o caso de São José, Santo Antônio, São João e São Pedro.

É no culto individual e coletivo aos santos que podem ser enquadradas as festividades de junho. “No período junino, o grande número de comemorações em louvor aos santos fazia com que as pessoas estabelecessem cronogramas para realização dos terços e novenas, nas residências mais próximas” (Andrade, 2007, p. xx). Através dos festejos, há uma aproximação dos laços de parentesco, amizade e vizinhança: há planejamento em conjunto para cozinhar os alimentos típicos – grande parte deles derivados de milho, como bolos, canjica e pipoca –, há organização de danças, levantamento de mastro com a imagem dos santos

comemorados etc. É a partir dessa consideração sobre as festividades de junho que se pode entender que a religiosidade do povo campestre é marcada pela relação social que é posta em sua prática de estar com a comunidade.

No nosso acompanhamento e durante a realização de pesquisas em comunidades rurais de Minas Gerais nas quais trabalham e/ou residem estudantes da Licenciatura em Educação do Campo (FaE-UFMG), constatamos que as festas, especialmente as de junho e de padroeiros/as locais, não têm apenas cunho religioso, uma vez que também envolvem a dimensão do lazer, especialmente para o público jovem. Este é, inclusive, motivo de desavenças e conflitos nas comunidades, por exemplo, com carros de som e vinda de pessoas não apenas de outras comunidades, mas de outras cidades e estados, especialmente moradores que migraram para outros territórios, muitas vezes expulsos do campo devido à ausência de oportunidades. Estes sujeitos encontram nas festividades uma oportunidade de retornar às comunidades rurais de origem para visita. Foi o que registramos, por exemplo, a partir da pesquisa com egressos da LECampo em Rio Pardo de Minas, no norte de Minas Gerais. (Leal, Silva, Arcanjo & Herzog, 2019).

Como já dito, nota-se que a marca da religiosidade dos povos do campo do Brasil é histórica. Marin e Marin (2009) indicam que, no período imigração italiana, ocorrida no entreguerras, a religiosidade foi apercebida como elemento de agregação social e, por assim ser, os colonos organizaram-se a partir dela “para reconstruir sua vida no Brasil” (p. 67). Tal religiosidade estava presente na preocupação com os sacramentos – batismo, primeira eucaristia, casamento etc. – nas orações, “na internalização dos conselhos e normas da Igreja, na devoção aos santos, no culto aos mortos e em outras manifestações cotidianas” (p. 69). Esses autores ainda ressaltam que não somente a religião católica é presente no Brasil, mas também o protestantismo e luteranismo, que vieram juntos aos imigrantes alemães, principalmente os pomeranos.

Menezes-Neto (2007), nesse resgate, aponta o papel das igrejas, principalmente a católica com a Teologia da Libertação, na origem do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). É relevante, nesse percurso, entender que a Igreja Católica, como instituição em meio a um período ditatorial, foi relevante para organizar e formar os sujeitos que progressivamente tinham sido expropriados de suas terras. Ao mesmo tempo, é importante dizer que foi a



Comissão Pastoral da Terra (CPT), juntamente com religiosos – aos quais podemos citar muitos como Dom Pedro Casaldáliga – que fizeram este trabalho junto com os sujeitos campesinos e acompanham e denunciam, até hoje, as violências que se perpetuam para com os sujeitos e coletividades campesinas.

Há que se destacar, ainda, a relação entre religiosidade, espiritualidade, práticas religiosas e situações-limite (em casos de guerras, pandemias, calamidades, crises políticas etc.) vivenciadas pelos sujeitos individuais e coletivos. Ou seja, sujeitos e coletividades encontram, nas manifestações das práticas religiosas, formas de enfrentamento em tempos de desesperança e de adoecimento (Fleck, Borges, Bolognesi & Rocha, 2003; Bailly, Roussiau & Fleury-Bahi, 2011, Bandeira & Carranza, 2020).

### **Percurso metodológico**

Esta apuração de dados faz parte de uma investida do projeto de extensão ‘Povos do campo e a pandemia de COVID-19’ para (re)conhecer como os povos do campo têm sido impactados pela pandemia para estruturar ações de enfrentamento e suporte a estes sujeitos e suas comunidades. Por isso, a pesquisa é qualitativa e de caráter exploratório, ou seja, um estudo que buscou proporcionar

uma familiaridade com o contexto de estudo, sendo uma etapa inicial para ter uma visão geral acerca de um determinado fato (Gil, 2008).

Essa investida foi composta de diferentes ações, sendo que, dentre elas, houve um questionário eletrônico que foi enviado aos alunos e alunas da Licenciatura em Educação do Campo da FaE-UFMG, sujeitos com vinculação com o campo e que tinham condições de avaliar as condições e repercussões da pandemia em suas comunidades. No momento de aplicação dos questionários, o LECampo FaE/UFMG contava com o total de 128 (cento e vinte e oito) estudantes. Destes, 40 (quarenta) responderam o primeiro questionário e 51 (quarenta e um) alunos/as responderam o segundo questionário.

Os questionários continham perguntas fechadas e abertas e foram organizados em 02 (dois) blocos: a) dados do perfil dos estudantes; b) dados sobre enfrentamento da pandemia do COVID-19 pelos sujeitos e suas comunidades (situação da Educação Básica, práticas e acesso de serviços de saúde, trabalho, produção e escoamento por agricultores familiares, sociabilidade, acesso a benefícios emergenciais do Governo Federal, dentre outros aspectos). Quanto ao tema abordado neste artigo, realizamos

o seguinte questionamento: “Sobre a religiosidade, como você tem percebido que as pessoas têm reagido em relação às práticas religiosas e a Pandemia de COVID-19 na sua comunidade?” A aplicação foi realizada via Google Formulários.

Por questões éticas, antes de iniciar o questionário, aos alunos foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no qual era possível dizer da cessão das respostas para esta pesquisa. Da primeira aplicação, 04 (quatro) não autorizaram a publicação de seus dados e 05 (cinco) estudantes, da segunda vez, não autorizaram. Sendo assim, estão sendo considerados 36 (trinta e seis) questionários relativos ao primeiro momento e 46 (quarenta e seis) questionários referentes ao segundo momento. Acrescentamos que nem todos os sujeitos participaram das duas aplicações, por isso, não pode ser considerado um estudo de coorte, muito embora alguns sujeitos tenham participado das duas aplicações e aceitado disponibilizar os dados.

A primeira aplicação de questionários ocorreu no período compreendido entre 20 de abril a 06 de maio de 2020. A segunda aplicação foi realizada entre 13/07 e 19 de julho de 2020. Tendo em vista a temática abordada

neste artigo, é importante lembrar que o primeiro questionário foi aplicado no contexto da celebração da Semana Santa (importante para as religiões cristãs) e o segundo questionário foi aplicado no contexto das celebrações das chamadas “festas juninas”, especialmente das festas comemorativas de São João, tradicionais em muitas comunidades camponesas do país.

Os dados já coletados foram lidos, sendo que foi feita uma análise de conteúdo categorial (Bardin, 1977). A análise de conteúdo refere-se a um conjunto de técnicas analíticas de dados qualitativos, podendo ser compreendida como “um método muito empírico, dependente do tipo de fala a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo.” (Bardin, 1977, pp. 30-31). Tal uso esteve associado ao intuito mais amplo de evidenciar assuntos e temáticas mais relevantes presentes nas respostas dos estudantes. Proporcionou identificar grandes tendências presentes no material analisado, revelando sentidos e significados a elas associados.

Assim, para além da apresentação do perfil dos respondentes, apresentamos a análise dos dados em 02 (dois) diferentes momentos: aplicação de questionários em abril/maio (primeiro momento), aplicação de questionários em julho (segundo

momento). Nestes momentos foram analisadas as categorias: a) paralisação de atividades nos espaços religiosos, b) modos de participação remota em atividades religiosas, c) a casa como lugar privilegiado de práticas religiosas remotas, d) retorno de atividades presenciais em espaços religiosos coletivos; e) relação entre pandemia, fé, castigo e proteção divina e f) socialização/sociabilidade.

## **Apresentação e análise dos dados**

### **Perfil dos respondentes**

Quanto ao perfil dos respondentes, a pesquisa abrangeu estudantes de todas as áreas do conhecimento ofertadas pelo curso, com maior destaque para as turmas com entrada mais recente: Ciências Sociais e Humanidades (CSH) e Língua, Arte e Literatura (LAL). A investigação também contou, embora em menor número, com egressos. Quanto à moradia, todos os estudantes respondentes são moradores de comunidades rurais. No primeiro momento, havia respondentes de 15 (quinze) municípios diferentes, ao passo que, no segundo momento, tal quadro foi ampliado para 20 (vinte) municípios. Os mesmos estão localizados, especialmente, nas regiões Noroeste, Norte, Jequitinhonha/Mucuri, Central e Sul do estado de Minas Gerais. Na primeira etapa, participaram 27 (vinte e sete)

mulheres, 08 (oito) homens e 01 (um) respondente não foi identificado quanto ao sexo. Na segunda etapa, tivemos um total de 32 (trinta e duas) mulheres, 10 (dez) homens e 4 (quatro) respondentes sem identificação neste quesito.

De modo geral, no primeiro momento, é preciso apontar que as prefeituras municipais dispunham de autonomia quanto a normativas relativas a medidas de distanciamento social. O governo estadual também dispôs de autonomia, sendo que algumas regras passaram a ser seguidas por parte dos municípios, conforme análises contextuais geralmente divulgadas publicamente por meio de boletins epidemiológicos diários ou com outras periodicidades. Neste sentido, as situações vividas pelos respondentes em seus municípios foram relativamente distintas entre si. Há que se destacar que a declaração do primeiro em Minas Gerais aconteceu no início do mês de março e, desde então, vivenciamos um processo progressivo de disseminação e interiorização do contágio. Esse movimento em direção ao interior, às cidades menores, também foi verificado em outros estados brasileiros e analisado por Martinuci et al. (2020) como repercussão das dependências entre as estruturas e dinâmicas territoriais, eixos rodoviários e econômicos e a existência,

nas cidades pequenas, de redes de atenção à saúde consideradas frágeis.

### **Primeiro momento**

Na ocasião da primeira aplicação dos questionários, o primeiro aspecto observado refere-se a mudanças na dimensão da socialização e sociabilidade proporcionadas pelas práticas religiosas nas comunidades rurais pesquisadas, conforme relatos, que evidenciam sua centralidade na organização da vida, dos tempos e espaços coletivos:

A religiosidade representa, em minha comunidade, mais do que a oração. Ir até a igreja é sinônimo de encontro, união e lazer para todos. Estamos sempre acostumados a vivenciar e desfrutar dos trabalhos e momentos que a religião nos proporciona. A interrupção dessas atividades, advinda de líderes maiores, causou grande entristecimento e mudanças no cotidiano da comunidade, apesar da compreensão de entender que a medida é tomada pelo bem de todos. (sexo feminino, Rio Pardo de Minas)

A igreja era o lugar onde todos se encontravam. Como foi fechada, a população sentiu falta não somente dos cultos, mas também dos diálogos que tinham após o término dos cultos. Depois de algum tempo, a igreja voltou a funcionar, mas não como antes. Foi feita uma divisão da quantidade de pessoas para cada dia e horário, pois são permitidas apenas 20 pessoas por cada horário. (sexo feminino, Rio Pardo de Minas)

Quanto à paralisação das atividades nos espaços religiosos, neste primeiro

momento, foram majoritárias respostas relativas à paralisação das atividades em espaços religiosos coletivos. Sublinhamos que um dos aspectos que chamou a atenção nos relatos diz respeito ao modo como a mesma foi mencionada por alguns respondentes. Foram recorrentes o uso de expressões como ‘proibidas’, ‘paralisadas’, ‘canceladas’, “foram suspensos”, ou ainda, como nos trechos:

Todos foram proibidos de ir à igreja (sexo feminino, Morro do Pilar)

As igrejas foram fechadas por conta das aglomerações. (sexo feminino, Rio Pardo de Minas)

não estão acontecendo encontros religiosos, seguindo as orientações da paróquia regional. (sexo feminino, Santo Antônio do Retiro)

As práticas religiosas tiveram uma pausa por tempo indeterminado. (sexo feminino, Rio Pardo de Minas)

as pessoas sentiram muito estranhamento com a ausência das celebrações físicas dominicais. (sexo feminino, Rio Pardo de Minas)

De modo geral, são relatos que expressam que estes sujeitos se perceberam como não participantes dos processos decisórios sobre a continuidade (ou não) das práticas religiosas em decorrência da pandemia. Isto reverberou em diferentes compreensões, conforme relatos, indo desde a sinalização de um entendimento coletivo, nas comunidades, que a medida foi tomada pelo bem de todos, no sentido

da resignação, indo até o apontamento de estranhamentos, conflitos, reivindicações e diferenças de percepções entre diferentes gerações, conforme relato: “o povo está muito abalado. Querem de volta as celebrações” (sexo masculino, Rio Pardo de Minas). Nesse aspecto, destacam-se especificidades devido ao afastamento entre as comunidades rurais e os centros urbanos, aspecto entendido por alguns grupos como fator de proteção quanto ao contágio pelo COVID-19:

De início, as pessoas achavam que essa situação era meio exagerada ou achavam que estava distante de nós, que não nos iria afetar, por isso não queriam deixar de realizar as atividades religiosas e eram contra o fechamento de igrejas ou algo do tipo. Mas, agora, grande parte já entende, vê a gravidade e mudou de opinião. (sexo feminino, Rio Pardo de Minas)

Sobre os sentimentos que emergiram neste momento de fechamento e incertezas sobre os desdobramentos da pandemia, foram relatados a tristeza, a aflição e desamparo. Conforme discute Andrade (2007), tendo em vista que, para o exercício das práticas religiosas, é central a presença corporal dos fiéis em espaços por eles considerados sagrados, a impossibilidade de frequência a estes lugares devido a uma situação de falta de agenciamento deles (não sabiam como reagir à pandemia e, ao mesmo tempo, não

podiam recorrer à prática religiosa) parece ter acentuado sentimentos como os acima apontados (Fleck, Borges, Bolognesi & Rocha, 2003; Bailly, Roussiau & Fleury-Bahi, 2011, Bandeira & Carranza, 2020).

As pessoas ficam aflitas, tristes por não poderem participar das celebrações religiosas. (sexo feminino, Rio Pardo de Minas)

Muitos estão assustados e buscam refúgio nas missas que passam na televisão. (sexo feminino, Piranga)

A minha comunidade possui uma forte relação com as crenças religiosas, principalmente no período da semana santa. Nesse sentido, observa-se uma certa tristeza no semblante dos fiéis e manifestações para que volte a realização de celebrações na comunidade. As instituições religiosas buscaram algumas alternativas para aproximação com os fiéis, como, por exemplo, transmissão de celebrações através de *lives* e rádio. (sexo feminino, Capelinha)

Como ressaltado por esta última fala, este momento de aplicação de questionários foi marcado pela proximidade da Semana Santa, período intenso de celebrações para cristãos, principalmente católicos, ocasião de comunhão comunitária, reflexão, resignação e participação social nas atividades (são comuns encenações da Paixão e Ressurreição de Cristo, por exemplo). Nessas falas, também há indícios dos movimentos que foram evidenciados para manter, no primeiro

momento, as práticas religiosas. Assistir à cultos e missas pela televisão, ouvir celebrações pelo rádio, além de aparecimento de *lives*, através das redes sociais, foram alternativas para enfrentar o momento e participar. Ao mesmo tempo, utilizar os meios de comunicação apareceu como forma de ‘respeitar’ às regras de saúde impostas pela situação pandêmica.

Tem acompanhado pela televisão pelas emissoras e temos tido missas via *Facebook* e transmissão pelo rádio. As pessoas têm mantido suas orações e costumes religiosos mesmo com o distanciamento social. (sexo feminino, Piranga)

Algumas igrejas estão em funcionamento, embora outras tenham sido fechadas para evitar aglomerações, dentre outros fatores. Ou seja, para o bem da comunidade, as pessoas compreenderam a importância desta medida para o bem de todos. (sexo feminino, Icarai de Minas)

Todos foram proibidos de ir à igreja e alguns líderes religiosos fazem *lives*. (sexo feminino, Morro do Pilar)

Quanto às alternativas encontradas para dar continuidade às práticas religiosas, há que se destacar que a organização territorial dos atendimentos realizados pelas lideranças religiosas para acompanhar comunidades rurais nem sempre garantem a presença de um pastor ou padre, por exemplo, em todos os momentos das práticas religiosas. Isso é apontado por Andrade (2007) como

situação cotidiana nas comunidades rurais, em que os sujeitos ‘leigos’ assumem funções e atividades na manutenção cotidiana dos atos religiosos, conforme relato:

As práticas de manifestações religiosas pararam em todas as crenças existentes na comunidade. Alguns jovens se reúnem em grupos pequenos e realizam cultos e compartilham em *lives*, para que os fiéis que têm acesso a internet possam continuar, de certo modo, participando. Fora isso, não estão sendo realizados cultos ou quaisquer reuniões de cunho religioso no povoado. (sexo feminino, Icarai de Minas)

Talvez, todas essas ações de manutenção da fé e das práticas religiosas a partir de redes sociais e meios de comunicação tenham a mesma raiz: a necessidade imperiosa de ‘ficar em casa’, uma das frases e ações consideradas mais eficientes para conter o avanço da COVID-19. Nesse caminho, a casa assumiu centralidade para o exercício das práticas religiosas, sendo recorrentes expressões como ‘rezar em casa’, ‘orar com a família’, ‘rezas em casa’, ‘fazer orações em casa’, como podemos notar nas frases:

Assistindo a missas pela televisão, compartilhando em redes sociais orações e rezando em casa com a família. (sexo feminino, Icarai de Minas)

Muitos grupos de orações estão rezando cada um em sua casa,

novenas e terços em pedido pelo fim da pandemia (Igreja Católica). (sexo feminino, Bocaiúva)

Todos rezam e fazem suas orações em casa. Na Igreja Católica que sigo, estamos fazendo celebrações ao vivo por meio das redes sociais. Número máximo de 07 pessoas. (sexo masculino, Icarai de Minas)

Embora em menor número, alguns respondentes indicaram que, nesse primeiro momento, algumas práticas religiosas começaram a ser realizadas nos espaços coletivos das comunidades, como capelas e igrejas. Contudo, esse retorno foi condicionado ao respeito de regras visando à contenção da disseminação do contágio por COVID-19 definidas por autoridades políticas e religiosas com autonomia para esta tomada de decisão. É o que sinalizam relatos de moradores de comunidades rurais do município de Rio Pardo de Minas, situado no Norte do estado:

Todos estão continuando suas práticas. No início, as igrejas foram fechadas por conta das aglomerações. Agora, as igrejas reabriram e dividiram em grupos os fiéis para a realização dos cultos e outros. Os grupos têm no máximo dez pessoas, que têm que seguir todas as regras impostas como: uso de máscara, higienização das mãos ao entrar e sair, manter distância e limpeza das superfícies no final de cada celebração. (sexo feminino, Rio Pardo de Minas)

A igreja era o lugar onde todos se encontravam. Como foi fechada, a população sentiu falta não somente dos cultos, mas também dos diálogos

que tinham após o término dos cultos. Depois de algum tempo, a igreja voltou a funcionar, mas não como antes. Foi feita uma divisão da quantidade de pessoas para cada dia e horário, pois são permitidas apenas 20 pessoas por cada horário. (sexo feminino, Rio Pardo de Minas)

Por fim, desse primeiro momento dois tópicos aparecem como importantes de serem registrados: a) a leitura da pandemia como castigo divino e sinal do fim dos tempos e b) os conflitos e entraves geracionais impostos pela situação pandêmica, como podemos ver nos relatos abaixo:

As pessoas veem o acontecimento, como algo já descrito pela bíblia, e se apegam na fé esperando que a pandemia acabe logo. (sexo feminino, Icarai de Minas)

A maioria da população está respeitando as medidas de proteção e acreditam que a pandemia é mais um sinal do fim dos tempos. (sexo feminino, Capelinha)

As pessoas mais velhas acham errado fechar as igrejas, mas, dentre os mais jovens, concordam. (sexo feminino, Rio Pardo de Minas)

Assim, podemos dizer que a primeira aplicação do questionário foi marcada pelas repercussões iniciais sobre a necessidade de evitar aglomerações que repercutiram no fechamento de templos religiosos e na impossibilidade de ter práticas religiosas em conjunto, na comunidade. Diante das imposições e dos

sentimentos causados tanto pela pandemia quanto pela restrição de não poder recorrer ao espaço físico da igreja – havia a aflição, mas não havia forma de encontrar suporte –, as ações foram direcionadas às tentativas de vivenciar a religiosidade através da mediação tecnológica. O espaço da casa apareceu, então, como ‘o’ lugar de praticar a fé e ter proximidade com o sagrado, fazendo suas atividades com a família e pessoas mais próximas. Por último, há indicativo de que, após um momento de tensão sobre o que fazer, houve a retomada de algumas atividades, mesmo que tímidas, mas que permitiam o exercício das práticas religiosas em espaços coletivos desde que observadas orientações sanitárias e a situação da interiorização da pandemia nas diferentes regiões do estado.

### ***Segundo momento***

Na ocasião da segunda aplicação dos questionários, um dos aspectos observados refere-se à dimensão da socialização e sociabilidade vinculadas às práticas religiosas nas comunidades rurais investigadas. De acordo com relatos, o que chama a atenção é a ausência da realização das festividades locais, especialmente aquelas ligadas, neste momento, às festas juninas (Santo Antônio, São João e São Pedro). Essas festividades, conforme Andrade (2007), facilitam e possibilitam a

socialização e a formação de vínculos. Mesmo que nem todos que participem sejam de origem católica, é nestes eventos, para o autor, que as pessoas se encontram e planejam trabalhos em conjunto. Entretanto, essas festividades de junho não aconteceram devido à situação pandêmica. Há que destacar, ainda, que essas atividades, bem como as celebrações dominicais, demarcam a passagem do tempo nas comunidades, sendo fundamentais na organização da vida coletiva. Devido à sua não realização, a sensação de muitos é de que “está tudo parado”.

Se no primeiro momento, as pessoas sentiram-se proibidas de ir aos templos religiosos, a sensação de falta de agência sobre a própria prática religiosa não está presente de maneira marcante neste segundo momento. As alternativas encontradas foram desde a permanência com as práticas em casa, com ‘rezas’ em família e/ou entre amigos próximos ou com transmissão pela internet, televisão ou rádio (que apareceu de forma mais incisiva neste segundo momento); até a ida para as celebrações de forma ‘cuidadosa’ ou ainda seguindo de forma ‘normal’ - o que, em alguns casos, gera conflitos. Cada uma dessas formas de ação repercutiu nas formas de sociabilidade e, também, na



existência de sentimentos em relação à pandemia.

Desde o início da pandemia, as missas e cultos haviam sido cancelados, porém, as celebrações voltaram a serem realizadas recentemente. Segundo os "fieis", as missas e cultos estavam fazendo falta, mas o mais certo, segundo minha opinião, é que o povo estava cansado de passar o dia inteiro em casa no domingo. (sexo masculino, Rio Pardo de Minas)

Os recintos religiosos estão fechados, sendo assim, muitos estão atordoados. (sexo masculino, Itaipé)  
As pessoas têm acesso através dos meios de comunicação e em idas isoladas à igreja. (sexo feminino, Simonésia)

Havia feito a paralisação das celebrações, agora retornou, tomando os devidos cuidados. (sexo feminino, Rio Pardo de Minas)

Algumas religiões voltaram às atividades normalmente, seguindo algumas orientações como o uso de máscara. Já a igreja católica continua apenas online. (sexo feminino, Jequeri)

Na minha comunidade, de início, a igreja foi fechada, depois retornou com um número reduzido de pessoas e com uso obrigatório de máscara. Cada família senta em um banco e possui um determinado distanciamento de um banco para outro. (sexo feminino, Rio Pardo de Minas)

Algumas igrejas já estão funcionando com um número reduzido de pessoas, porém, sem cumprir as normas de segurança. (sexo feminino, Capelinha)

Alguns conflitos, pois alguns tentam resistir às novas regras. (sexo feminino, Rio Pardo de Minas)

As celebrações voltaram a acontecer, mas muitas pessoas tem receio de ir à igreja. (sexo feminino, Rio Pardo de Minas)

Outro aspecto que chama a atenção nesta segunda aplicação do questionário diz respeito ao fato de que estiveram mais presentes, entre os relatos, as transmissões ao vivo das celebrações locais via internet. A utilização do rádio como mediador das práticas religiosas também foi relatada com mais frequência:

Em minha comunidade, as famílias estão tristes com a suspensão das celebrações religiosas. No entanto, através do rádio local, são transmitidas todas as semanas as celebrações da igreja católica, o que permite a continuação das práticas religiosas. Mas, a rádio não transmite a celebração de outras religiões, como, por exemplo, a evangélica, o que contribuiu para a volta das celebrações. (sexo feminino, Capelinha)

Mesmo com acesso às celebrações via internet ou rádio, por exemplo, há que se destacar que, nesse segundo momento, foi perceptível o aumento da pressão pelo retorno das celebrações presenciais nas igrejas. Podemos conjecturar que, por um lado, isso pode estar ligado a dificuldades tecnológicas de acesso a equipamentos, à própria internet, uso das redes sociais e similares. Por outro lado, como em

Andrade (2007), a impossibilidade da frequência aos territórios sagrados, que assumem centralidade nas práticas religiosas, pode ter impellido os fiéis à maior demanda pela abertura destes espaços:

Os cultos estão sendo em forma de lives e as pessoas não estão se adequando. Por isso, muitos estão tentando e pedindo para voltem os cultos presenciais, mesmo com poucas pessoas. (sexo feminino, Capelinha)

A vontade das pessoas de poder estar presente nas celebrações. (sexo masculino, Rio Pardo de Minas)

As celebrações tem acontecido em famílias. Para quem tem acesso a internet, tem acompanhado as celebrações da igreja de forma online. (sexo masculino, Rio Pardo de Minas)

Diante das tensões vivenciadas, um tópico importante a ser sublinhado diz respeito à leitura da pandemia como castigo divino e sinal do fim dos tempos. Tal aspecto foi sinalizado em relatos presentes no primeiro momento, porém, mostrou-se acentuado na segunda aplicação dos questionários. Outrossim, há em alguns casos uma exacerbação da fé em detrimento das práticas profiláticas relegando ao sagrado a única forma de se proteger da contaminação. Isto pode ter reverberado na sensação de aumento da fé em tempos de pandemia. Entendemos que tanto a demonização, quanto essa

responsabilização do sagrado têm repercussões diretas na condução da promoção de saúde na pandemia e contenção do avanço do vírus, porque ao fazer esta leitura acabam por se expor indistintamente.

Muitos acreditam ser a profecia acontecendo. Existem orações, as igrejas continuam abertas pedindo a benção para um mundo melhor e para que logo esse vírus possa passar. (sexo feminino, Rio Pardo de Minas)

Acham que essa é uma das pragas e que o fim do mundo e a volta de Jesus estão próximas. Então estão dedicando mais tempo para as orações. (sexo feminino, Piranga)

Mas a grande maioria da população está reclamando a falta e percebo que muitas pessoas estão se tornando mais "ORANTES" (sexo feminino, Chapada do Norte)

Alguns acreditam muito que Deus está protegendo e não usam máscaras nem nada. (sexo feminino, Santa Fé de Minas)

Quanto à frequência aos espaços religiosos, um destaque presente nos relatos diz da preocupação específica com pessoas idosas e aquelas consideradas “grupo de risco”, conforme especialistas (*Centers for Disease Control and Prevention*, 2020; Fundação Oswaldo Cruz, 2020). A recomendação é de aumento dos cuidados ou para que evitem convivência em espaços coletivos:

Esse é um ponto polêmico, uma vez que a Diocese liberou as

comunidades para que as mesmas pudessem continuar com as celebrações. A comunidade adotou o rodízio para que as pessoas que desejam ir; em um dia vão x de pessoas e em outro x pessoas. A comunidade ainda pede que as pessoas que estão no grupo de risco evitem ir. (sexo feminino, Santo Antônio do Retiro)

O uso de máscara se tornou obrigatório para frequentar locais como igrejas. As celebrações são feitas com pequenos grupos de pessoas, se tem evitado estar com outras pessoas e redobramos os cuidados com idosos e demais pessoas do grupo de risco. (sexo feminino, Rio Pardo de Minas)

Diferentemente do primeiro momento em que havia um aspecto de desconhecimento e falta de agência diante da pandemia, frente ao avanço das possibilidades e da flexibilização das atividades, surge uma busca pela normalidade, embora existam conflitualidades para vivenciar este (novo) normal implicando até nas formas com que os sujeitos se relacionam com a fé.

A minha comunidade apresenta pessoas de várias religiosidades. Muitas seguem acreditando que as coisas se normalizarão logo. As pessoas tem reagido procurando meios de não se afastarem das suas práticas religiosas. Por exemplo: as igrejas realizam *lives* e algumas já voltaram a realizar cultos com as regras necessárias.

As pessoas estão atentas aos cuidados da Organização Mundial de Saúde e, na medida do possível, estão frequentando, em um ritmo mais

lento, mas voltando. (sexo feminino, Rio Pardo de Minas)

A fé de muitos "esfriou" com retomada das celebrações seguindo as normas paroquiais e do Ministério da Saúde... muitos não buscam mais as igrejas e criticam os que estão participando. São divisões aparecendo em muitas famílias da comunidade. (sexo feminino, Capelinha)

A minha comunidade apresenta pessoas de várias religiosidades. Muitas seguem acreditando que as coisas se normalizarão logo. As pessoas tem reagido procurando meios de não se afastarem das suas práticas religiosas. Por exemplo: as igrejas realizam *lives* e algumas já voltaram a realizar cultos com as regras necessárias. (sexo feminino, Icaraí de Minas)

Por fim, na análise desse segundo momento, notamos que em alguns casos, depois da flexibilização do isolamento social em alguns municípios e comunidades, já há relatos em que houve a necessidade de novo fechamento dos templos religiosos, o que deve ter afetado também ao comércio e atividades não essenciais dessas localidades.

Em algum período, as igrejas estavam funcionando apenas com 30% da ocupação, mas, devido ao aumento de casos na região, tudo foi fechado novamente. (sexo feminino, Rio Pardo de Minas)

Assim, esse segundo momento de aplicação do questionário foi marcado pela continuidade do que estava acontecendo no

primeiro momento, ou seja, a utilização dos meios de comunicação e redes sociais para manutenção das práticas religiosas. Entretanto, nesse momento, nota-se que já havia mais ação dos sujeitos em relação aos cuidados, além de mais conhecimento sobre a situação pandêmica, como as formas de cuidado, por exemplo. As tensões vivenciadas, em soma a essa situação e a vontade de voltar a experienciar o espaço do tempo religioso, bem como a flexibilização do isolamento social, fizeram com que os sujeitos encontrassem formas para poder ir às igrejas e templos, seguindo (ou não) orientações de saúde, outro fator gerador de conflitos.

Nota-se que a preocupação quando à disseminação do vírus passou a se concentrar em relação a grupos populacionais específicos (pessoas idosas e grupos de risco). A demonização da pandemia e a crença na proteção divina foram acentuadas, com importantes repercussões sobre o cuidado com a saúde. A busca pelo chamado ‘novo normal’ veio associada a conflitos diversos, reverberando nas relações que os sujeitos passaram a estabelecer com a fé. Por fim, destacam-se efeitos da flexibilização das normas sobre as práticas em templos religiosos, dado que a abertura dos espaços precisou ser revista, em algumas

localidades, devido ao avanço da pandemia.

### **Considerações finais**

A partir do referencial teórico e dados levantados neste estudo, verificamos a persistência da centralidade das práticas religiosas para os povos do campo durante a pandemia. Especialmente frente à necessidade de enfrentamento de um desafio de tamanha magnitude, provocado pelo desamparo na situação pandêmica, as práticas na/para/com a religião proporcionam a delimitação e sacratização de espaços, promovem vínculos e engendram práticas de suporte individual e coletivo.

A casa, que já se constituía como espaço de práticas religiosas, especialmente em comunidades rurais – com realizações de ‘novenas’ comunitárias, orações diversas em família, visitas relativas à ‘Folia de Reis’, cultos em terreiros de religiões de matriz africana, entre outras – no percurso da pandemia, assumiu, de maneira ainda mais contundente, a sacralidade de um templo religioso para parte dos sujeitos pesquisados. Isso se ressalta nos dois momentos analisados devido às restrições sociais e a necessidade de isolamento social, conjugados com sentimentos de angústia, medo e desesperança vivenciados

pelos campesinos. ‘Rezar em casa’ assume, então, a possibilidade de continuar a se religar com o sagrado para ‘enfrentar’ a pandemia – algo por vezes encarado como respostas a certo não saber o que fazer diante da paralisação das atividades. Nesse âmbito, também ganharam destaque as mediações tecnológicas na construção das práticas religiosas, possibilitando a manutenção dos vínculos por meio, especialmente, da internet, da televisão e do rádio. Há que se sublinhar ainda, a maior presença das mulheres entre as respondentes, o que evidencia a representatividade da mulher na manutenção das práticas religiosas no campo.

Outro aspecto observado no estudo está relacionado às tensões que emergiram nas relações sociais entre comunidades e lideranças religiosas quanto à abertura dos espaços coletivos. Compreendemos que estes conflitos, pelo menos em parte, estão vinculados ao contexto político mais amplo hoje vivenciado no país, com mudanças acerca da presença das religiões na esfera pública em tempos de pandemia, como discutem Andrade e Sales (2020). Houve, inclusive, discussões sobre as igrejas serem consideradas como atividades essenciais e, por isso, manterem-se abertas mesmo em período de isolamento social.

Visualizando, ainda, o papel das práticas religiosas para os processos de cura, torna-se relevante criticar/responsabilizar aqueles líderes religiosos que, de alguma forma, desprezaram, desqualificaram ou minimizaram a Pandemia e seus impactos sobre a vida da população. Há casos, alguns relatados pelos próprios participantes deste projeto de extensão e estudo, em que mesmo com as restrições sobre aglomeração de pessoas, tais líderes incentivaram práticas que podem ter ocasionado o contágio em seus templos.

Outro aspecto a ser destacado a partir do estudo está relacionado ao envolvimento das Universidades com as comunidades e sujeitos campesinos neste momento da pandemia. A título de exemplo, mencionamos projetos de extensão realizados pelos cursos de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), da Universidade Federal do Pará (UFPA) e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), ao qual este estudo está vinculado. A esse respeito, ressaltamos o compromisso social e político das equipes dos referidos cursos e sinalizamos que projetos desta natureza podem contribuir, especialmente em momentos como estes, para o mapeamento das condições de vida dessas populações e

desdobrar em ações diversas, juntamente com outros grupos sociais (religiosos, movimentos sociais etc.), visando à construção de ações coletivas de diversas ordens, incluindo a construção de políticas públicas.

De modo amplo, ao atentar para as práticas religiosas das comunidades campesinas neste momento de pandemia, este projeto entende que tais práticas estão inseridas na vida cotidiana dos sujeitos sócio-históricos do campo, e que são espaço de socialização, inclusão, inserção e problematização social. Por vezes, como citado em diferentes trechos deste artigo, é ao redor da religião que direitos sociais são vislumbrados e a luta por melhoria de vida acontece. Por isso, ressaltar, apresentar e acompanhar como estão as práticas religiosas neste momento se tornou deveras importante para o projeto de extensão e para este estudo.

Por fim, chamamos a atenção para os processos de interiorização da pandemia no Brasil, em especial no Estado de Minas Gerais. O percurso de contágios pode afetar de forma obtusa os municípios menores e as comunidades rurais, dadas suas defasagens socioeconômicas e vulnerabilidades populacionais. Tais locais são caracterizados por uma menor absorção das medidas de restrição social e de ausência de políticas públicas de saúde:

uma combinação não muito positiva para o enfrentamento efetivo da pandemia. Nesse sentido, salientamos a necessidade de ampliação da atenção do poder público a estas questões, visando não aprofundar as desigualdades sociais e diminuir os impactos da pandemia, especialmente sobre os povos do campo.

## Referências

- Alves, J., Cavenaghi, S., & Barros, L. (2017). Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. *Tempo Social*, 215-242. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.112180>
- Amiri, A., & Akran, M. (2020). COVID-19: The challenges of the human life. *Social Work & Social Sciences Review*, 17(1). [https://www.researchgate.net/publication/341508945\\_COVID-19\\_THE\\_CHALLENGES\\_OF\\_THE\\_HUMAN\\_LIFE](https://www.researchgate.net/publication/341508945_COVID-19_THE_CHALLENGES_OF_THE_HUMAN_LIFE)
- Andrade, P., & Sales, R. (01 de junho de 2020). *A presença pública das religiões em tempos de pandemia*. Recuperado de: <http://www.ufs.br/conteudo/65382-a-presenca-publica-das-religioes-em-tempos-de-pandemia>
- Andrade, R. B. (2007). *Religiosidade e modos de vida: a (re)construção do lugar na comunidade rural de Tenda do Moreno em Uberlândia*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. Recuperado de: <http://clyde.dr.ufu.br/bitstream/123456789/16272/1/RBAndradeDIS01PRT.pdf>
- Antunes-Rocha, M., & Carvalho, C. (2015). *Caderno II: educação do campo*:

histórico, princípios, conceitos e práticas.  
Belo Horizonte: UFMG/FaE.

Bailly, N., Roussiau, N., & Fleury-Bahi, G. (2011). Étude des liens entre les croyances religieuses et spirituelles, la santé et l'âge. *Bulletin de psychologie*, 2011/2(512), 149-154.

<https://doi.org/10.3917/bupsy.512.0149>

Bandeira, O., & Carranza, B. (05 de maio de 2020). Só o Brasil cristão salva do COVID-19? *Boletim Ciências Sociais*, 1-7. Recuperado de: <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2347-boletim-n-33-cientistas-sociais-e-o-coronavirus?idU=3>

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Centers for Disease Control and Prevention. (20 de agosto de 2020). *Coronavirus Disease 2019 (COVID-19)*. Recuperado de: Centers for Disease Control and Prevention: [https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/need-extra-precautions/people-at-increased-risk.html?CDC\\_AA\\_refVal=https%3A%2F%2Fwww.cdc.gov%2Fcoronavirus%2F2019-ncov%2Fneed-extra-precautions%2Fpeople-at-higher-risk.html](https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/need-extra-precautions/people-at-increased-risk.html?CDC_AA_refVal=https%3A%2F%2Fwww.cdc.gov%2Fcoronavirus%2F2019-ncov%2Fneed-extra-precautions%2Fpeople-at-higher-risk.html)

Fleck, M., Borges, Z., Bolognesi, G., & Rocha, N. (2003). Desenvolvimento do WHOQOL, módulo espiritualidade, religiosidade e crenças pessoais. *Revista de Saúde Pública*, 37(4), 446-455. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102003000400009>

Fundação Oswaldo Cruz. (20 de agosto de 2020). *Nota do Comitê de Saúde da Pessoa Idosa de pesquisadores da Fiocruz*. Recuperado de: Fiocruz: [https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/covid19\\_e\\_saude\\_do](https://portal.fiocruz.br/sites/portal.fiocruz.br/files/documentos/covid19_e_saude_do)

[idoso apoio ao isolamento para pessoas de todas as idades fiocruz 2.pdf](#)

Gil, A. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). São Paulo: Atlas.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (15 de agosto de 2020). *Censo, amostra religião*. Recuperado de: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>

Leal, Á., Silva, A., Arcanjo, R., & Herzog, R. (2019). Entre saberes e fazeres do Campo, a identidade Geraizeira: a construção e o desenvolvimento de um projeto de trabalho interdisciplinar em escolas do Campo no Norte de Minas Gerais. *Estudos Interdisciplinares em Educação*, 1(6), 24-41. Recuperado de: <http://unifatea.com.br/seer3/index.php/EIE/article/view/1240/1080>

Marin, J., & Marin, J. (2009). Colonos italianos de Silveira Martins: entre os poderes da Igreja Católica e do Estado. In D. P. Neves (Org.). *Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil* (pp. 65-88). Brasília: Editora Unesp.

Martinuci, O., Lima, V., Montanher, C., Felini, M., Rigoldi, K., Endlich, Â., . . . Ferreira, M. (2020). Dispersão da Covid-19 no Estado do Paraná. *Hygeia - Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde*, 251-262. <https://doi.org/10.14393/Hygeia0054619>

Menezes-Neto, A. J. (2007). A Igreja Católica e os Movimentos Sociais do Campo: a Teologia da Libertação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. *Caderno CRH*, 20(50), 331-341. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792007000200010>

Peres, J., Simão, M., & Nasello, A. (2007). Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 34(supp. 01), 136-145. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832007000700017>

Qian, M., & Jiang, J. (2020). COVID-19 and social distancing. *Journal of Public Health (Berl.)*. <https://doi.org/10.1007/s10389-020-01321-z>

Röhr, F. (2011). Espiritualidade e Formação Humana. *Poiésis*, 53-68. <https://doi.org/10.19177/prppge.v4e0201153-68>

Sra, H., Sandhu, A., & Singh, M. (2020). Use of Face Masks in COVID-19. *Indian Journal of Pediatrics*, 87, 553. <https://doi.org/10.1007/s12098-020-03316-w>

Thampi, N., Longtin, Y., Peters, A., Pittet, D., & Overy, K. (2020). It's in our hands: a rapid, international initiative to translate a hand hygiene song during the COVID-19 pandemic. *Journal of Hospital Infection*, 105, 574-576. <https://doi.org/10.1016/j.jhin.2020.05.003>

#### Informações do artigo / Article Information

Recebido em : 22/10/2020  
Aprovado em: 24/11/2020  
Publicado em: 11/12/2020

Received on October 22th, 2020  
Accepted on November 24th, 2020  
Published on December, 11th, 2020

**Contribuições no artigo:** Os autores foram os responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

**Author Contributions:** The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

**Conflitos de interesse:** Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

**Conflict of Interest:** None reported.

#### Orcid

Álida Angélica Alves Leal



<http://orcid.org/0000-0001-7438-0534>

Luiz Paulo Ribeiro



<http://orcid.org/0000-0002-4278-7871>

#### Como citar este artigo / How to cite this article

##### APA

Leal, A. A. A., & Ribeiro, L. P. (2020). Práticas religiosas, COVID-19 e campesinato: uma análise em dois momentos da pandemia a partir de um projeto de extensão. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 5, e10818. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e10818>

##### ABNT

LEAL, A. A. A.; RIBEIRO, L. P. Práticas religiosas, COVID-19 e campesinato: uma análise em dois momentos da pandemia a partir de um projeto de extensão. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, Tocantinópolis, v. 5, e10818, 2020. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e10818>